

## UM CONTO DE MIA COUTO EM ANÁLISE

Concísia Lopes dos Santos

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*

*concisialopes@gmail.com*

**RESUMO:** Muito se discute acerca da definição do gênero conto literário. Há teóricos que o definem pela quantidade de páginas que ocupa em um livro. Há outros teóricos que apontam para a concisão da ação, que gera uma maior tensão dramática; outros defendem, ainda, o “tom” como primeiro elemento de caracterização para o conto. Pode-se dizer que o ser humano já surgiu contando contos. Mas aqui tratamos do conto literário, escrito, com autoria determinada. E o faremos a partir da análise do conto “O mendigo Sexta-feira jogando no Mundial”, do escritor moçambicano Mia Couto. Trata-se de um estudo bibliográfico de teoria literária proposto para a iniciação da análise de contos no ensino de graduação. Divide-se em três partes: uma breve introdução de teorias relativas ao gênero conto, uma análise do conto literário a partir dos elementos da narrativa e, finalmente, uma breve discussão acerca a questão que trata do ensino de literatura afro-brasileira nas aulas de literatura no Brasil. Os resultados, expostos conforme a divisão supracitada, nos levam à conclusão de que a narrativa trata de questões humanas e literárias, as quais devem e podem ser discutidas em todos os níveis de ensino do país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conto; Literatura Africana; Mia Couto; *O fio das missangas*.

## 1 INTRODUÇÃO

“Conto é tudo que eu chamo de conto.” (Mário de Andrade)

Muito se discute acerca da definição do gênero *conto literário*. Há teóricos que o definem pela quantidade de páginas que ocupa em um livro. Definiu-se apenas que o conto é menor que a novela e que o romance. Há outros teóricos que apontam para a concisão da ação, que gera uma maior tensão dramática; outros defendem, ainda, o “tom” como primeiro elemento de caracterização para o conto.

Segundo o escritor argentino Julio Cortázar (GOTLIB, 1990), o conto é uma forma narrativa que contém três elementos essenciais: tensão, intensidade e significação. Trata-se, pois, de um recorte significativo da vida de uma personagem, ao qual esses elementos essenciais reunidos conferem efeito de coesão e coerência.

Pode-se dizer que o ser humano já surgiu contando contos. Mas aqui tratamos do conto literário, escrito, com autoria determinada. E o faremos a partir da leitura do conto “O mendigo Sexta-feira jogando no Mundial”, retirado do livro *O fio das missangas* (2009), do escritor moçambicano Mia Couto.<sup>1</sup> Eis o conto<sup>2</sup>:

### **O mendigo Sexta-feira jogando no Mundial**

Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças. Mas, eu, velho e sozinho, o que posso fazer? Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo. É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exhibir minhas maleitas. Só nesses momentos, doutor, eu sou atendido. Mal atendido, quase sempre. Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo. Os doentes são minha família, o hospital é o meu tecto e o senhor é o meu pai, pai de todos meus pais.

Desta feita, porém, é diferente. Pois eu, de nome posto de Sexta-Feira, me apresento hoje com séria e verídica queixa. Venho para aqui todo desclaviculado, uma pancada quase me desombrou. Aconteceu quando assistia jogo do Mundial de Futebol. Desde há um tempo, ando a espreitar na

---

<sup>1</sup> **António Emílio Leite Couto**, Mia Couto é biólogo, professor universitário e escritor. Nasceu na Cidade da Beira, em Moçambique, em 1955. Atualmente, dedica-se a estudos de impacto ambiental. É considerado um dos nomes mais importantes da nova geração de escritores africanos de língua portuguesa. Vencedor de vários prêmios, sua obra já foi traduzida para vários idiomas. A escrita tem sido uma paixão constante, desde a poesia até a escrita jornalística e a prosa de ficção. No dia 27 de maio de 2013, foi anunciado como o vencedor do Prêmio Camões.

<sup>2</sup> Neste conto optou-se por manter a grafia do português de Moçambique.

montra<sup>3</sup> do Dubai Shopping, ali na esquina da Avenida Direita. É uma loja de tevês, deixam aquilo ligado na montra para os pagantes contraírem ganas de comprar. Sento-me no passeio, tenho meu lugar cativo lá. Junto comigo se sentam esses mendigos que todas sextas-feiras invadem a cidade à cata de esmola dos muçulmanos. Lembra? Foi assim que ganhei meu nome de dia da semana. Veja bem: eu, que sempre fui inútil, acabei adquirindo nome de dia útil.

É ali no passeio que assisto futebol, ali alcanço ilusão de ter familiares. O passeio é um corredor da enfermaria. Todos nós, os indigentes ali alinhados, ganhamos um tecto nesse momento. Um tecto que nos cobre neste e noutros continentes.

Só há ali um no entanto, doutor. É que sou atacado de um sentimento muito ulceroso enquanto os meus olhos apanham boleia para a Coreia do Sul. O que me inveja não são esses jovens, esses fintabolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exhibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino?

Eu sei, doutor, lhe estou roubando o tempo. Vou directo no assunto do meu ombro. Pois aconteceu o seguinte: o dono da loja deu ontem ordem para limpar o passeio. Não queria ali mendigos e vadios. Que aquilo afastava a clientela e ele não estava para gastar ecrã em olho de pobre. Recusei sair, doutor. O passeio é pertença de um alguém? Para me retirarem dali foi preciso chamar as forças policiais. Vieram e me bateram, já eu estendido no chão e eles me ponteavam, com raiva como se não me batessem em mim, mas na sua própria pobreza. Proclamei que hoje voltaria mais outra vez, para assistir ao jogo. É que jogam os africanos e eles estão a contar comigo lá na assistência. Não passam sem Sexta-feira. O dono da loja me ameaçou que, caso eu insistisse, então é que seria um festival de porrada. O que eu lhe peço, doutor, é que intervenha por mim, por nós os espectadores do passeio da Avenida Direita. O proprietário do Dubai Shopping não vai dizer não, se for um pedido vindo de si, doutor.

Pois eu, conforme se vê, vim ao hospital não por artimanha, mas por desgraça real. O doutor me olha, desconfiado, enquanto me vai espreitando os traumatombos. Contrariado, ele lá me coloca sob o olho de uma máquina radiográfica. Até me atrapalho com tanta deferência. Até hoje, só a polícia me fotografou. Se eu soubesse até me tinha preparado, doutor, escovado a dentuça e penteado a piolheira.

Quando me mostram a chapa, porém, me assalta a vergonha de revelar as minhas pobres e desprevenidas intimidades ósseas. Quase eu grito: esconda isso, doutor, não me exhiba assim às vistas públicas. Até porque me passa pela cabeça um desconfio: aqueles interiores não eram os meus. E o doutor não fique espinhado! Mas aquilo não são ossos: são ossadas. Eu não posso estar assim tão cheio de esqueleto. Aquela fotografia é de chamar

---

<sup>3</sup> Montra: substantivo feminino, mostruário de casa comercial, vitrina, mostrador. Regionalismo: Portugal.

saliva a hienas. Sem ofensa, doutor, mas eu peço que se deite fogo nessa película. E me deixe assim, nem vale a pena enrolar-me as ligaduras, aplicar-me as pomadas. Porque eu já vou indo, com as pressas. Não esqueça, por favor. Foi por esse pedido que eu vim. Não foi pelo ferimento.

E logo me desando, já as ruas deságuam. Chego à loja dos televisores e me sento entre a mendigagem. Veja bem: tinham-me guardado o lugar em meu respeito. Isso me comove. Afinal, o doutor sempre telefonou, sempre se lembrou do meu pobre pedido. Ainda há gente neste mundo! Meus olhos brilham olhando não o jogo, mas as pessoas que olhavam a montra. Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias?

O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Porém, o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida.

Afinal, o vermelho é do cartão ou será do próprio sangue? Não há dúvida: necessito assistência, lesionado sem fingimento. Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha – o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam (COUTO, 2009).

## 2 OS ELEMENTOS DA NARRATIVA

O conto é bastante curto, quatro páginas apenas, duas laudas de papel sulfite, dependendo da fonte. Lê-se a história de um momento da vida de um mendigo, de nome Sexta-feira, contada por ele próprio. A narrativa começa já pela conversa com o médico, durante um atendimento no hospital. Não há diálogo, apenas o mendigo fala. O médico só o escuta. Ele conta suas dores físicas e emocionais e faz reflexões a partir da vida que leva em sua triste realidade de morador de rua: “Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo. É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exhibir minhas maleitas. Só nesses momentos, doutor, eu sou atendido. Mal atendido, quase sempre”. O leitor é levado, como o médico a ouvir Sexta-feira e, com sorte, sensibilizar-se pela suas dores.

O conto de Mia Couto está estruturado em 10 parágrafos e o enredo pode ser dividido em quatro partes: do 1º. ao 4º. parágrafo temos a apresentação (exposição ou introdução); do 5º. ao 7º. parágrafo temos a complicação (ou desenvolvimento); nos 8º. e 9º. parágrafos, temos o clímax; e, no 10º. parágrafo, o desfecho.

Conforme Cândida Vilares Gancho (2004), para se compreender a organização dos fatos no enredo, faz-se necessário compreender o conflito, seu elemento estruturador. Assim ela define o conflito: “Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor” (GANCHO, 2004, p. 11).

Dentre os vários tipos de conflitos, pode-se considerar psicológico o do conto em análise, pois retrata o conflito interior de uma personagem que vive uma crise existencial: o mendigo Sexta-feira vê suas dores verdadeiras terem menos importância do que as dores falsas de um *fintabolista* na tevê:

O que me inveja não são esses jovens, esses fintabolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exhibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino? (COUTO, 2009)

Além desse, a personagem ainda vive um conflito com o espaço que ocupa: ele é um qualquer mendigando pelas ruas da cidade onde sobrevive. Durante a narrativa, os fatos não são tão evidentes, pois se trata de movimentos interiores; são, portanto, os fatos emocionais que compõem o enredo. Sabe-se apenas que Sexta-feira está sendo atendido em um hospital e dali sai para assistir ao jogo de futebol dos africanos: “É que jogam os africanos e eles estão a contar comigo lá na assistência. Não passam sem Sexta-feira”.

No conto há apenas duas personagens: o mendigo Sexta-feira e o doutor. Este, por sua vez, não fala na narrativa, tem suas ações descritas e suas atitudes subentendidas pela voz que narra.

A personagem Sexta-feira é o próprio narrador da história: um narrador protagonista. É do ponto de vista dele que tudo é visto e narrado. Não há, portanto, onisciência.

O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos. [...] ele pode servir-se seja da CENA seja do SUMÁRIO, e, assim, a DISTÂNCIA entre HISTÓRIA e leitor pode ser próxima, distante ou, ainda, mutável (LEITE, 1991, p. 43).

Nota-se que durante toda a narrativa Sexta-feira fala ao doutor, mas este não tem suas falas reproduzidas, como se percebe já na frase inicial do conto: “Lhe concordo, doutor, sou eu que invento minhas doenças”. E mais à frente: “Eu sei, doutor, lhe estou roubando o tempo”. Supõe-se, apenas, a partir dessas falas, o que diz o médico ao seu paciente.

As ações do médico só são descritas na parte da complicação, no sexto parágrafo: “O doutor me olha, desconfiado, enquanto me vai espreitando os traumatombos. Contrariado, ele lá me coloca sob o olho de uma máquina radiográfica”. Podemos supor, por essa fala de Sexta-feira, o modo como está sendo atendido. O médico mostra-se “desconfiado” e “contrariado” durante o atendimento. Isso confirma a afirmação feita anteriormente pelo mendigo: “Mal atendido, quase sempre”.

O que leva Sexta-feira ao hospital, no entanto, não são os ferimentos, mas o desejo de poder assistir ao jogo dos africanos no mundial de futebol:

Proclamei que hoje voltaria mais outra vez, para assistir ao jogo. É que jogam os africanos e eles estão a contar comigo lá na assistência. Não passam sem Sexta-Feira. O dono da loja me ameaçou que, caso eu insistisse, então é que seria um festival de porrada. O que eu lhe peço, doutor, é que intervenha por mim, por nós os espectadores do passeio da Avenida Direita. O proprietário do Dubai Shopping não vai dizer não, se for um pedido vindo de si, doutor (COUTO, 2009).

Poderíamos considerar a evidente diferença de tratamento dada às personagens do conto. O mendigo é proibido pelo dono da loja e agredido pela polícia por estar em uma calçada, uma via pública; já ao doutor, é dado outro tratamento: “O proprietário do Dubai Shopping não vai dizer não, se for um pedido vindo de si, doutor”. Os lugares sociais ficam evidentes, assim, na narrativa.

O doutor, por sua vez, parece comover-se com a singeleza do pedido do mendigo: “Afinal, o doutor sempre telefonou, sempre se lembrou do meu pobre pedido. Ainda há gente neste mundo!”

A narrativa apresenta um centro fixo e limitado exclusivamente às percepções e sentimentos do mendigo. Assim, a história e o leitor são colocados a uma distância próxima da visão do narrador; o leitor poderá (ou não) se identificar e/ou se emocionar com o drama vivido por Sexta-feira e com a mensagem transmitida pelo conto, uma vez que conhecemos pela voz do protagonista esse drama.

O narrador do conto utiliza-se do sumário para desenvolver a ação, pois concentra os fatos ocorridos em períodos de tempo mais longos (CARVALHO, 1981), passando por cima de detalhes (LEITE, 1991), selecionando os fatos que entende relevantes e abreviando os que julga despiciendos (REIS & LOPES, 1988), com uma clara tendência ao resumo e uma visualização mínima (REUTER, 1996) do espaço onde se encontra.

No decorrer da narrativa, Sexta-feira não descreve o hospital, o local de atendimento, seu posicionamento (estaria de pé? Sentado? Deitado? Confortável?), pois o que importa são as angústias, os fatos narrados. Esses detalhes do espaço ficam em segundo plano, porque o mais relevante é o que o mendigo está sentindo e vivendo no momento. No entanto, o narrador tem a preocupação de descrever o local e a situação vivida enquanto assistia ao futebol:

Aconteceu quando assistia jogo do Mundial de Futebol. Desde há um tempo, ando a espreitar na montra do Dubai Shopping, ali na esquina da Avenida Direita. É uma loja de tevês, deixam aquilo ligado na montra para os pagantes contraírem ganas de comprar (COUTO, 2009).

Nos trechos seguintes, o narrador seleciona os fatos que considera mais relevantes para justificar sua ida ao hospital, chegando a dar detalhes do local e do possível futuro que o esperam:

Pois aconteceu o seguinte: o dono da loja deu ontem ordem para limpar o passeio. Não queria ali mendigos e vadios. Que aquilo afastava a clientela e ele não estava para gastar ecrã em olho de pobre. Recusei sair, doutor. O passeio é pertença de um alguém? Para me retirarem dali foi preciso chamar as forças policiais. Vieram e me bateram, já eu estendido no chão e eles me ponteavam, com raiva como se não me batessem em mim, mas na sua própria pobreza. Proclamei que hoje voltaria mais outra vez, para assistir ao jogo (COUTO, 2009).

Essa menor variedade de espaço pode ser explicada por se tratar de um enredo psicológico, que espera uma ação mais concentrada. O espaço onde Sexta-feira é atendido – o hospital – e o espaço onde assiste ao jogo – a calçada do Dubai Shopping – situam suas ações e estabelece com ele interações, pois seu comportamento é bastante diferente nos dois lugares.

*No hospital:* “Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo. Os doentes são minha família, o hospital é o meu tecto e o senhor é o meu pai, pai de todos meus pais”.

“Até me atrapalho com tanta deferência. Até hoje, só a polícia me fotografou. Se eu soubesse até me tinha preparado, doutor, escovado a dentuça e penteado a piolheira”.

*Em frente à montra:* “Chego à loja dos televisores e me sento entre a mendigagem. Veja bem: tinham- me guardado o lugar em meu respeito. Isso me comove”.

“O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso.

Cada um desses espaços cria um ambiente diferente para o narrador protagonista. Gancho (2004, p. 23) afirma que ambiente “é o espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um clima”.

No conto de Mia Couto, cada espaço tem um clima diferente para a narrativa. No hospital, Sexta-feira é só mais um doente na fila de espera para ser (bem ou mal) atendido. Na calçada, em frente à montra, ele é importante, tem lugar cativo, é alguém importante: “Lembra? Foi assim que ganhei meu nome de dia da semana. Veja bem: eu, que sempre fui inútil, acabei adquirindo nome de dia útil”. São esses lugares que situam a personagem-narrador-protagonista no tempo, no espaço, no grupo social em que vive.

A história do conto pode ser situado em um tempo histórico determinado: o ano de 2002. O tempo vivido e contado por Sexta-feira são concomitantes com a Copa do Mundo de Futebol da FIFA de 2002, sediada pela Coreia do Sul e Japão. “É que sou atacado de um sentimento muito ulceroso enquanto os meus olhos apanham boleia para a Coreia do Sul” (COUTO, 2009).

Nessa Copa jogaram as seleções da África do Sul, Camarões, Nigéria, Senegal e Tunísia, os africanos para quem Sexta-feira e seus amigos estavam torcendo: “É que jogam os africanos e eles estão a contar comigo lá na assistência. Não passam sem Sexta-feira” (COUTO, 2009).



A narrativa se dá em um curto espaço de tempo cronológico: vai do momento da consulta ao início do jogo assistido pela televisão do meio da calçada, em frente à montra, no Dubai Shopping. Mas o conto opera também pelo tempo psicológico. Segundo Benedito Nunes, “para o cômputo da duração, o psicológico se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças, ‘intervalos heterogêneos incomparáveis’” (NUNES, 1988, p. 19). Curto também é o tempo de alegria do mendigo Sexta-feira:

Meus olhos brilham olhando não o jogo, mas as pessoas que olhavam a montra. Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias? [...] De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Porém, o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida. Afinal, o vermelho é do cartão ou será do próprio sangue? Não há dúvida: necessito assistência, lesionado sem fingimento. Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha – o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam (COUTO, 2009).

Sexta-feira começa sua história machucado, “todo desclaviculado” e termina precisando de maior assistência, mas é a assistência médica, sem fingir, sem fazer finta. “Afinal, o vermelho é do cartão ou será do próprio sangue?”

### 3 O ENSINO DE LITERAURA

Sabe-se que o espaço destinado à literatura nas escolas está cada vez menor. Assim, a prática da leitura literária costuma ficar restrita à leitura de fragmentos de obras e de crítica literária, utilizando-se de uma abordagem marcadamente historicista, comum nos manuais didáticos.

A literatura já foi apresentada como uma história, como uma arte e como uma linguagem. No entanto, ao destacar uma dessas qualidades, abandonavam-se as outras. O desafio no ensino da literatura está, pois, em unir essas três dimensões. A solução, então, é procurar compreendê-la como um discurso. A literatura assim compreendida permite a análise do uso da língua pelo autor, o movimento estético que o inspirou e os fatores extralinguísticos

que permitiram tal modo de escritura, bem como as questões humanas que (quando) a perpassam.

Deve-se ter em mente, ainda, que a crítica literária deve servir como uma outra forma de ler um determinado texto ou livro, não como o caminho das pedras, para que se compreenda o que se lê, pois o texto é o elemento-chave em uma aula de literatura.

As atividades de literatura devem propiciar uma experiência de leitura, como defende o teórico literário e professor brasileiro Rildo Cosson (2006, p. 23): “Mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada”. Deve-se valorizar a educação literária, com base na leitura literária, considerando-se a variedade dos gêneros literários, de estilos e de autores.

Deve-se considerar o trabalho com o texto literário sempre de modo específico e diferenciado do que se costuma fazer com os gêneros não literários, como afirma o pesquisador e professor Hélder Pinheiro:

[...] não se trabalha a interpretação de um texto que tem um investimento estético diferenciado do mesmo modo que se trabalha uma propaganda, uma notícia de jornal ou um discurso político, para ficarmos apenas com alguns gêneros textuais. O objeto estético pede um tratamento diferenciado, por mais que se insista em misturar e uniformizar expressões humanas tão particulares (PINHEIRO, 2011, p. 10).

Como defende Antônio Cândido (1999), a literatura possui uma função humanizadora desdobrada em outras funções, como a psicológica, a formativa e a de conhecimento do mundo e do ser, não confundindo-se com a educação moral ou pedagogicamente valorativa nem deixando de ser entendida como um direito inalienável do homem. O texto literário é importante nessa educação humanizadora “porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (CANDIDO, 2004, p. 186).

Vislumbrando-se a literatura sob o viés de suas funções, conforme sugere Antônio Cândido, consegue-se compreender a leitura literária como uma tríade – texto-leitor-autor – a partir da qual se realiza uma interação. Assim, é dada ao leitor um papel ativo, que se configura como mais uma motivação para a experiência da leitura literária. Não se pode esquecer também para quem serão dirigidos esses textos literários. Assim, a atividade de literatura deve possibilitar a relação entre diferentes visões.

[...] as práticas de sala de aula têm demonstrado que os alunos se envolvem com os textos que mais se aproximam de suas experiências de vida, na medida em que são capazes de ampliarem essas experiências, além de promoverem certo refinamento do imaginário (SILVA, 2008, p. 50).

Não se deve esquecer também da importância do trabalho com a literatura afro-brasileira.

A necessidade e a reivindicação de uma literatura representativa de outros grupos étnicos em sala de aula, além dos brancos, mas com direcionamento para as crianças e jovens vem de tempos remotos.

Esse trabalho conseguiu atenção especial na década de 1950, quando se começou a investigação das questões de raça em livros didáticos e paradidáticos. Na década de 1970, iniciaram-se as análises cujo objetivo era identificar estereótipos e preconceitos implícitos nas obras escritas. Mas, foi apenas a partir dos anos da década de 1980 que se começou a análise das obras da literatura dedicada a esse público.

No ano de 1997 uma grande discussão sobre igualdade racial tocou a esfera governamental, particularmente aquela que tornou possível a criação do programa de biblioteca nas escolas. Entre os livros propostos surgiram títulos de temática indígena e negra, mas em pequeno número.

Em 2003, foi criada uma secretaria com *status* de ministério, que tinha como objetivo promover a igualdade racial. No mesmo ano, a Lei N. 10.639 instituiu o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar do ensino básico (níveis fundamental e médio).

No ano de 2008, foi instituída a Lei no. 11.645, publicada no DOU de 11.3.2008, determinando a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de educação artística, literatura e histórias brasileiras. Essas determinações fizeram crescer ainda mais a preocupação com o modo como essas informações chegarão às crianças e jovens.

Todas essas determinações e regulamentações para o ensino básico não serão realizadas se não tivermos professores leitores dessas literaturas e de modos de análise e crítica literária preparados e reflexivos desde sua formação em graduação. Por isso, consideramos que a leitura das literaturas africanas de língua inglesa, Francesa, afro-brasileiras, afro-hispânicas e indígenas sejam realizadas desde os primeiros semestres da graduação, e sempre que possível (componentes complementares, cursos de extensão), como

o ponto de partida para a ampliação do repertório desses futuros profissionais. Isso motivou a atividade aqui apresentada, realizada em sala de aula do segundo período de graduação em Letras - Língua Portuguesa, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a literatura humanizadora, defendida por Cândido, permite ao leitor reconhecer-se e identificar-se (ou não), gerando, assim, um posicionamento crítico diante daquilo que lê. O trabalho com diferentes literaturas, de diferentes povos e estilos, enquanto espaço de reconhecimento literário, com um contato direto com o texto literário, permite ao aluno viver uma verdadeira experiência literária. Mais tarde, essa experiência poderá ser multiplicada em sala de aula, o que gerará um efeito de proliferação, deixando as portarias e determinações e chegando aos leitores, os quais devem ser os principais interessados.

## REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- \_\_\_\_\_. A literatura e a formação do homem. In: **Revista Remate de Males**. Departamento de teoria literária IEL/UNICAMP, Campinas, 1999.
- CARVALHO, A. L. C. de. **Foco narrativo e fluxo da consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios)
- GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios)
- LEITE, Ligia Chiappinni Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios)
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos)
- PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em literatura**. 2ª ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- REIS, C. & LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.



REUTER, Y. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Leitura e crítica)

SILVA, Maria Valdênia da. Motivações para a leitura literária no ensino médio. In: PINHEIRO, Hélder et. Al. (Orgs.). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

